

Opinião do GLOBO

Desmatamento no Cerrado exige mais de governadores

Região continua a bater recordes com omissão e falta de rigor na permissão legal para derrubar vegetação

Os governadores de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia devem explicações sobre o que acontece no Cerrado. A omissão deles é a principal causa do desmatamento descontrolado. A última medição do Inpe registrou 11 mil km² de vegetação destruída, a maior extensão desde 2015. Os principais focos estão justamente nos quatro estados, região conhecida como Matopiba, onde acontece 75% do desmatamento. Entre 2003 e 2022, uma área do tamanho do Estado de São Paulo foi transformada em lavoura ou pasto. O ritmo atual continua frenético e deverá, em 2024, superar a marca do ano passado.

Na Amazônia, a destruição da floresta continua ser ilegal, com ação de criminosos em terras da União. O caso do Cerrado é distinto. Estados e municípios emitem documentos dando permissão para derrubar vegetação nativa em propriedades privadas, respeitado o limite de preservação entre 20% e 35% estabelecido no Código Florestal. Como mostrou reportagem do GLOBO, metade dos 2.833 km² de Cerrado desmatados no Maranhão entre 2022 e 2023 obteve aprovação da Secretaria

do Meio Ambiente do estado.

No papel, tudo parece correto. Na realidade, há omissão contumaz. Não há rigor na concessão das permissões, falta um banco de dados consolidado, as inspeções são falhas. Proprietários rurais costumam fazer autodeclaração ao Cadastro Ambiental Rural (CAR), e tudo fica por isso mesmo. Apenas 2% dos CARs estão validados, segundo análise da Climate Policy Initiative/PUC-Rio. As inspeções estão longe do necessário. Com a cumplicidade dos governadores, não surpreende que siga crescendo o desmatamento, sob o manto da legalidade de faz de conta.

A ministra do Meio Ambiente, Mariela Silva, espera fazer um pacto com os governadores no âmbito do PPCCER, um plano de ação para prevenir e controlar desmatamento e queimadas. O objetivo é acabar com a devastação ilegal até 2030 e pôr em funcionamento um sistema de compensação para o desmatamento legal. Em fase de implantação, o PPCER ainda não surtiu efeito prático. É urgente que tenha consequências. Em manifestações públicas, os governadores do Matopiba dizem ter a preservação ambiental como prioridade. Alguns foram à

COP28, em Dubai, defender o crescimento sustentável. Está na hora de transformar palavras em ações.

Na última reunião do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), na primeira semana de março, o secretário de Controle de Desmatamento, André Lima, chamou a atenção para os dados do segundo semestre de 2023. Mantido o ritmo de desmatamento observado entre agosto e dezembro, o próximo dado oficial sobre a destruição da vegetação nativa no Cerrado poderá chegar a 12 mil km², com o quinto ano consecutivo de aumento.

Por ser importante demais para o Brasil, o Cerrado não pode virar sinônimo de desleixo com a legislação ambiental. Ao todo, 56% da produção agrícola do país e 44% do rebanho bovino estão lá. A região abriga propriedades rurais que se tornaram exemplos mundiais de produtividade. A capacidade de gestão é espantosa. Prova disso é a resposta imediata aos solavancos da demanda global por alimentos. O desafio, portanto, não é escolher entre o crescimento dos negócios no campo e a preservação do meio ambiente. O Brasil precisa atingir os dois objetivos ao mesmo tempo.

Artigos

opinioes.globo.com.br/artigos

FERNANDO GABEIRA

Blog: opinioes.globo.com.br/fernando-gabeira



Um país em conflito

Num artigo sobre pesquisas, mencionei a polarização política como dado constante e crescente no país. Apenas esbocei a necessidade de atenuá-la. É preciso reconhecer que a polarização de certa forma interessa a algumas forças políticas, mas não só a elas. O país rigidamente dividido cria uma espécie de zona de conforto onde, não importa o que se defenda, sempre será bem-visto quem favorecer um dos lados. Criar, portanto, entre as superfícies de contato em que se possa desenvolver algo em comum é muito difícil e, além do mais, desperta a suspeita de que se está sutilmente trabalhando para um dos lados.

No entanto, existe uma situação de circunstâncias em que uma espécie de unidade nacional aumenta o potencial do país. Não me refiro apenas aos possíveis inimigos externos que inspirem uma defesa nacional. Parto de situações mais simples, como a epidemia de dengue. No estágio atual, não se pode contar principalmente com vacina. É preciso limpar as casas e desenvolver iniciativas de vizinhança que localizem problemas nos terrenos baldios, residências abandonadas. É preciso um nível mínimo de convivência respeitosa para realizar um trabalho assim.

Da mesma forma, iniciativas de vizinhança podem aumentar a segurança de suas áreas. Não proponho que substituam as polícias, nem que criem comitês de defesa ou coisa parecida. Discussões permanentes, acordos, medidas comuns, troca de informações, tudo isso cria uma cultura que torna mais eficaz e também monitorado o trabalho policial.

Lembrei-me de estar viajando de ônibus em Israel e, subitamente, o motorista para e sair correndo para apagar um incêndio na margem da estrada. Ele se sentia responsável, achava que era sua tarefa iniciar o combate ao fogo.

Outro aspecto que me parece importante é a preparação das comunidades para eventos extremos oriundos do aquecimento global. É preciso que estejam treinados, que conheçam os moradores vulneráveis, que armazenem pequenos barcos, enfim, algo parecido com o que fazem os japoneses. Isso também torna-se possível quando há um nível razoável de convivência.

Tenho uma querida amiga que é petista. Suas bananeiras dão frutos que caem no quintal da vizinha. Elas brigam na Justiça por isso, por causa de bananas. A amiga diz que é coisa de bolsonarista: provavelmente a vizinha responde que petistas não podam suas árvores. A verdade é que tanto Bolsonaro como o PT nada têm a ver com isso, não há o mínimo vestígio em seus programas sobre a evolução dos cachos de bananas.

Quantos episódios não estão artificialmente politizados? Quantas amizades não se romperam, quantas famílias não se falam com medo de a política irromper na mesa de jantar?

Parece quixotesco rememorar contra a polarização excessiva. É assim nos Estados Unidos, está ficando assim na Europa. Acontece que, nos países do Norte, existe um fator ausente aqui: os grandes fluxos migratórios. Os estrangeiros passam a ser uma espécie de linha divisória, despertando o medo de perda de emprego, violência urbana.

O Chega cresceu em Portugal com discurso contra imigrantes e contra a corrupção. Este último fator tem peso na polarização brasileira, mas é muito mais fácil de ser superado, a partir de um denominador comum: a tese aceita por todos do aumento da transparência.

As diferenças políticas na sociedade brasileira, como em todas as outras democracias, continuarão a existir. Mas é preciso determinar um ponto em que passem a ser prejudiciais aos dois lados e, consequentemente, ao próprio país.

Não é um caminho fácil insistir nessa tecla. Mas tenho algumas razões para supor que isso é possível, por meio da repercussão do meu próprio trabalho. Sempre que tentei, de uma certa forma, deu certo.

Obesidade deve ser tratada como uma questão de saúde pública

População acima do peso no planeta soma 1 bilhão. Proporção no Brasil está acima da média mundial

Maus hábitos alimentares têm levado à expansão da obesidade no mundo. Estudo publicado na revista científica The Lancet estimou em 1 bilhão a população de obesos em 2022. Feito pelo consórcio de pesquisadores NCD-Risc, com apoio da Organização Mundial da Saúde (OMS), a estimativa inclui 879 milhões de adultos e 159 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 19 anos (é considerado obeso quem tem Índice de Massa Corporal, IMC, acima de 30 kg/m²). O número representava 12,5% da população mundial. Crianças e adolescentes com sobrepeso quadruplicaram em pouco mais de três décadas. Tal situação sugere que a tendência é a obesidade continuar a aumentar, sem perspectiva de reversão.

O estudo avaliou 220 milhões de pessoas em 190 países. Constatou que os maiores índices de obesidade estão nos países de renda média como o Brasil — e não nos mais ricos. A

Turquia apresenta a taxa mais alta de mulheres obesas na Europa: 43%. Para os homens, é a Romênia, com 38%. Enquanto apenas 10% da população francesa é obesa, ela chega ao quadruplo disso nos Estados Unidos (44% das mulheres e 42% dos homens). A maior proporção de adultos obesos (60%) está na Polónia e Micronésia.

De 1990 a 2022, a obesidade na população adulta mais que dobrou entre as mulheres (de 8,8% para 18,5%) e quase triplicou entre os homens (de 4,8% para 14%). Nas menores passos de 1,7% a 6,9%. Nos meninos, de 2,1% para 9,3%. No Brasil, a parcela acima do peso supera a média mundial — 33% das mulheres, 25% dos homens, 14% das meninas e 17% dos meninos.

A pesquisa também calculou a população abaixo do peso (IMC inferior a 18). Ela está em queda, com isso, passou a haver mais pessoas com obesos. Não há correlação entre pobreza e população abaixo do peso. Muitos países po-

bres enfrentam uma dupla epidemia: de má nutrição e obesidade.

Nos países ricos, a obesidade infantil está concentrada nas famílias pobres. Nos de baixa renda, é problema da classe média. A medida que a renda sobe, mais crianças se tornam obesas. Muitas regiões convivem com os dois problemas, principalmente países em desenvolvimento como o Brasil.

O corpo humano evoluiu para sobreviver aos invernos e à fome acumulando gordura, depois difícil de perder. A isso se somam a oferta generosa de comida ultraprocessada barata e o estilo de vida sedentário. O resultado é a obesidade disseminada. Doenças decorrentes do excesso de peso — clínicas, distúrbios cardiovasculares, diabetes etc. — pressionam o sistema público de saúde. Por isso é preciso definir políticas que, desde a escola, ajudem a população a se informar e se alimentar de forma saudável. Obesidade também é questão de saúde pública.

Quantos episódios não estão artificialmente politizados? Quantas amizades não se romperam?

Quantos episódios não estão artificialmente politizados? Quantas amizades não se romperam?

GRUPO GLOBO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Moreira
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Moreira e Roberto Moreira, Roberto

O GLOBO
APRESENTAÇÃO: Paulo Roberto Moreira

DIRETOR GERAL: Roberto Moreira
DIRETOR DE ADMINISTRAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE MARKETING: Roberto Moreira

DIRETOR DE TI: Roberto Moreira
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Roberto Moreira
DIRETOR DE FINANÇAS: Roberto Moreira

PRINCÍPIOS EDITORIAIS DO GRUPO GLOBO: <http://globo.com/pt-br/pt-br>

EDICIONAIS
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.globo.com/assinante
Telefone: 0800-0238433 (serviço de atendimento)

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

VENDEDOR DE BANCAS
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

PUBLICIDADE E MARKETING
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

VENDEDOR DE BANCAS
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

PUBLICIDADE E MARKETING
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

VENDEDOR DE BANCAS
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

PUBLICIDADE E MARKETING
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

VENDEDOR DE BANCAS
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

PUBLICIDADE E MARKETING
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

VENDEDOR DE BANCAS
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

PUBLICIDADE E MARKETING
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

VENDEDOR DE BANCAS
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

PUBLICIDADE E MARKETING
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

VENDEDOR DE BANCAS
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

PUBLICIDADE E MARKETING
Rio de Janeiro: Roberto Moreira
São Paulo: Roberto Moreira
Brasília: Roberto Moreira

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00

ASSINATURA MENSAL
Assinatura mensal: R\$ 12,90
Assinatura anual: R\$ 129,00